

MÁRIO DE ANDRADE E A MEMÓRIA DE UMA GERAÇÃO

"E o meu coração devastado
É um rumor de germes insalubres pela
noite insone e humana"
(Meditação do Tietê)

Trinta de abril de 1942.

Vinte anos depois da Semana de Arte Moderna.

Mário de Andrade pronuncia no Itamarati sua célebre conferência "O Movimento Modernista" que - juntamente com a "Elegia de Abril" publicada no ano anterior pela revista "Clima" - constitui um testemunho dolorosamente pessoalizado da profunda crise por que passava a intelectualidade brasileira.

Fazem vinte anos que realizou-se, no Teatro Municipal de São Paulo, a Semana de Arte Moderna. É todo um passado agradável, que não ficou nada feio, mas que me assombra um pouco também. Como tive coragem para participar da - aquela batalha!¹

Documento, tecido-testemunho de memória, aguda consciência do momento que vive, é a conferência uma revisão corajosamente radical. Mergulho profundo em si mesmo e nos ideais que marcaram sua geração, rastreia nele Mário de Andrade seu trajeto ideológico, apontando os marcos do seu fazer e do fazer de seu grupo: lembrança-ponte entre o que foi e o que há de vir.

O estudo dessa conferência pode iluminar explicativamente as intenções e a produção intelectual do autor e do movimento do qual participou como escritor e sistematizador teórico.

O exercício da memória se prende àquilo que o ser humano tem de mais individualizado: "(...) a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida."²

É a recuperação dos caminhos da inteligência, do percurso intelectual. É o reviver das imagens que feriram a retina e o coração, que marcaram o corpo, que aguçaram o espírito. É o que se resgata, seletivamente, do esquecimento. Aquilo que se retém do per-

curso.

O lembrar guarda igualmente, porém, a dimensão social do viver coletivo:

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.³

Valer-se da memória é expor-se, desnudar-se. "Eu não posso estar satisfeito de mim. O meu passado não é mais meu companheiro. Eu desconfio do meu passado." (p. 254)

Aquele que lembra e narra aquilo que lembra não se limita a fazer o registro do lembrado, mas, antes, conjugua em si a dupla dinâmica contraditória do narrador/personagem, isto é, abriga em si o historiador que narra e a personagem que vivenciou aquilo que está narrando. É simultaneamente o fantoche e aquele que detém os fios que o movem.

O memorar é um tecer. Um "crocheter" de fios que revelam o risco arriscado do tecido. Sempre uma dimensão e uma busca subjetivas na medida em que desenham a marca e a ânsia de explicação e de reconstituição do sujeito singular que recorda.

Não sei o que me deu. Fui até a escrivadinha, abri um caderno, escrevi o título em que jamais pensara, 'Paulicéia Desvairada'. O estouro chegara afinal, depois de quase ano de angústias interrogativas. Entre desgostos, trabalhos urgentes, dívidas, brigas, em pouco mais de uma semana estava jogado no papel um canto bárbaro, duas vezes maior talvez do que isso que o trabalho de arte deu num livro. (p. 234)

No entanto, como acentua Marilena Chauí, se o modo de lembrar é individual, há a presença simultânea do coletivo na matéria lembrada:

(...) o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. O tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar.⁴

A lembrança, o testemunho - trabalhos cronológicos - possibi

litam a luz do presente no passado e vice-versa: atar fios soltos, revisão de verdades estabelecidas, preenchimento de brechas obscuras. Possibilitam, igualmente, cunhar o sentido que o homem dá à sua história.

O movimento de inteligência que representamos, na sua fase verdadeiramente 'modernista', não foi o fator das mudanças político-sociais posteriores a ele no Brasil. Foi essencialmente um preparador; o criador de um estado de espírito revolucionário e de um sentimento de arrebatamento. (p. 241)

O passado pelo passado pouco valor tem, se é que tem algum. Projetado no presente, porém, traz-lhe luz, contribui através da reflexão, na sua modificação. Vista deste modo, a recuperação do passado ganha significação porque se configura como demanda do presente. Recordar - refazer o vivido acrescentando-lhe a visão do presente, retificando imagens, reforçando impressões, menosprezando ou recalçando detalhes - significa um diálogo tenso com o possível, com o ausente, com o irrealizado. Significa também o balanço daquilo que se alcançou.

E hoje o artista brasileiro tem diante de si uma verdade social, uma liberdade (infelizmente só estética), uma independência, um direito às suas inquietações e pesquisas que não tendo passado pelo que passaram os modernistas da Semana, ele nem pode imaginar que conquista enorme representa. (p. 251)

Eclêa Bosi nos diz que uma lembrança é um diamante bruto que carece de lapidação. E essa pode ser feita através da reflexão. Sem o trabalho crítico, a lembrança seria apenas fugidia imagem.

Ainda segundo a autora, se o sentimento não acompanhasse o lembrado, a lembrança tornar-se-ia repetição.

Mas como tive coragem pra dizer versos diante de uma vaia tão bulhenta que eu não escutava no palco o que Paulo Prado me gritava da primeira fila das poltronas?... Como pude fazer uma conferência sobre artes plásticas, na escadaria do Teatro, cercado de anônimos que me caçoavam e ofendiam a valer?... (p. 231-232)

O estudo d'O Movimento Modernista de Mário de Andrade, a recuperação de sua lembrança e das marcas de sua geração torna-se importante por vários motivos.

Em primeiro lugar, por representar esse testemunho a tentativa de balanço de um movimento artístico que é um marco na cultura brasileira. E um balanço do ponto de vista de um de seus mais importantes líderes. Temos, através de Mário, a visão do homem que vivenciou o que narra sob uma multiplicidade de facetas: como poeta e ficcionista, como teórico e crítico, como folclorista e pesquisador. Além disso, a despeito do travo de amargura que percorre o documento, ele nos desnuda uma vez mais aquela que foi sempre a marca registrada de seu autor: a coerência intelectual, a rebeldia, a coragem de ousadamente rever-se e renovar-se, sem complacência.

Mas eis que chego a este paradoxo irrespirável: Tendo de formado toda a minha obra por um anti-individualismo dirigido e voluntarioso, toda a minha obra não é mais que um hiperindividualismo implacável! E é melancólico chegar assim no crepúsculo, sem contar com a solidariedade de si mesmo. (p. 254)

Sob esse aspecto, essa conferência é uma "confissão" pessoal das limitações do autor enquanto intelectual e homem de seu tempo.

Não tenho a mínima reserva em afirmar que toda a minha obra representa uma dedicação feliz a problemas do meu tempo e minha terra. Ajudei coisas, maquinei coisas, fiz coisas, muitas coisas! E no entanto me sobra agora a sentença de que fiz muito pouco, porque todos os meus feitos derivaram de uma ilusão vasta. (...) Meu aristocracismo me puniu. Minhas intenções me enganaram. (p. 252)

O testemunho nos impressiona, sobretudo, no presente, por increver-se como consciência-limite de uma época marcante no panorama cultural brasileiro e por trazer-nos de lá a reflexão sobre nossa identidade cultural, problema que ainda hoje doridamente nos aflige.

Como nos afirma Alfredo Bosi, "(...) poucos viram com tanta lucidez a grandeza e os limites do próprio tempo como o autor de 'O Movimento Modernista' e da 'Elegia de Abril'."⁵

E esse viver em profundidade sua época, faz dele um exemplo de radicalidade, de consciência-limite de seu momento histórico. Assim não deixa de exigir de si e de seus companheiros "um passo adiante", uma superação prematura, "com olhos de quem está no futuro" revendo posturas delimitadas no passado histórico.

Adolfo Casais Monteiro, nesse sentido, considera "injustas" as postulações de Mário na conferência:

Esta injustiça está, sobretudo, em pôr o Mário de Andra de do tempo da última guerra a julgar o da Semana de Ar te Moderna de 20 anos antes. A injustiça de esquecer que a sua geração não podia ter-se antecipado ao futuro.⁶

O documento já nasceu como um testemunho. Entusiasmado com o pedido de Edgard Cavalheiro que organizava os depoimentos do "Testamento de uma Geração", Mário escreve o seu mas não o entrega por achar que "não há ambiente para ele".

Talvez você já saiba que, contra a sua opinião, desisti de entregar o meu Testamento ao Edgard Cavalheiro. Aliás, depois que escrevi ao Carlos e ao Moacir livrando eles do compromisso de opinar, já passei por várias alternativas, já quase publiquei, já desisti, já estive a pi - que de publicar outra vez, mas a coisa escapou por um segundo e tornei a desistir. Creio que só um jeito me sosségava: destruir os originais. Mas não tenho cora - gem.⁷

O clima do momento - e os documentos coletados por Cavalheiro bem o atestam - é de "fim de período", de "decaência da cultura"⁸. Mário já se encontra doente e deprimido como evidencia em carta a Paulo Duarte: "Se diria que tenho uma angústia formidável lá no eu profundo, mas nas partes mais profundas e impenetráveis, lá no inconsciente, uma angústia prodigiosa."⁹

O sentimento de crise também se generalizava na intelectualidade da época em função da guerra, da censura e repressão impostas pelo Estado Novo. Apesar da hesitação revelada na correspondência aos amigos, Mário acaba por não poder se furtar a ler seu pronunciamento no Itamarati. Mas quer repartir com eles a angústia do momento, como fica claro no trecho de carta a Newton Freitas:

Estou com o pé no estribo do avião (será estribo?) voando pro Rio, onde vou fazer uma conferência sobre o Movimento Modernista... Não fiz nenhum estudo crítico do Movimento, nenhuma análise. Recordei coisas e dessas coisas com os meus sentimentos de agora, saíram conclusões que nem eu mesmo esperava e umas confissões bastante cruéis.¹⁰

O poeta percebe com clareza a dimensão do que vai dizer, e

apreensivo, sente-se inseguro quanto à repercussão que possa ter sua fala, o que acentua a importância pessoal que dá ao documento, como confidência em carta a Newton Freitas:

... estou todinho entregue a uma conferência que acabei fazer no Rio, na Casa do Estudante, sobre o Movimento Modernista de 22, vinte anos passados. Aliás é pre - texto pra dizer umas coisas muito brabinhas, tou com re - ceio do que vai suceder. Principalmente se tiver pessoas 'oficiais' na conferência. Enfim será o que Deus qui - ser.¹¹

De fato, a conferência se caracteriza essencialmente pela radicalidade que assume seu discurso. Desnuda-se a si e aos outros integrantes do movimento, empreendendo um mergulho que simultaneamente significa um corte: mergulho no que foi, corte que anuncia o por vir.

Mas um Flávio de Carvalho, mesmo com as suas experiências numeradas, e muito menos um Clovis Graciano, mas um Camargo Guarnieri mesmo em luta com a incompreensão que o persegue, um Otávio de Faria com a aspereza dos casos que expõe, um Santa Rosa, jamais não poderão suspeitar o que nos sujeitamos, pra que eles pudessem viver hoje abertamente o drama que os dignifica. (p. 251)

Seu testemunho adquire a conotação de denúncia, onde a conjugação da memória individual e coletiva se mostra com toda a força de sua reflexão crítica. Assim ele fala:

Atuais, atualíssimos, universais, originais mesmo por vezes em nossas pesquisas e criações, nós, os participantes do período milhormente chamado 'modernista', fomos, com algumas exceções nada convincentes, vítimas do nosso prazer da vida e da festança em que nos desvirilizamos. Si tudo mudávamos em nós, uma coisa nos esquecemos de mudar: a atitude interessada diante da vida contemporânea. E isto era o principal! Mas aqui meu pensamento se torna tão delicadamente confessional, que termina rei este discurso falando mais diretamente de mim. Que se reconheçam no que vou dizer os que o puderem. (p.252)

O "eu" que recorda comporta as vozes dos que com ele empreenderam a jornada intelectual: "(...) o que dá à palestra um discreto mas inequívoco tom de confidência oscilante entre o puro intimismo e a memória polêmica de toda uma geração (...)"¹²

Faz o saldo do movimento: ruptura, influência européia, espí

rito destruidor. Seus ganhos: direito à pesquisa estética, "estabilização de uma consciência criadora nacional", "atualização da inteligência artística brasileira".

É severo consigo mesmo e com sua geração: "Eu creio que os modernistas da Semana de Arte Moderna não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição." (p. 255)

No entanto, é capaz de atar "os fios" do registro puxando-os para o presente que vivencia:

O homem atravessa uma fase integralmente política da humanidade. Nunca jamais ele foi tão 'momentâneo' como agora. Os abstencionistas e os valores eternos podem ficar para depois. E apesar da nossa atualidade, da nossa nacionalidade, uma coisa não ajudamos verdadeiramente, du ma coisa não participamos: o amilhoramento político-social do homem. E essa é a essência mesma da nossa ida - de. (p. 255)

Sua crítica anuncia "novos tempos", mas traz a exigência de uma postura intelectual mais coerente e participante: "Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, ofícios. Mas não fiquem apenas nis to, espiões de vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões." (p. 255)

Sua palavra, assim "(...) guarda todo o desconforto duma ten são não removida."¹³

Fios que nos atingem como desafio de uma postura intelectual coerente que busca, contraditoriamente embora, sua identidade cul tural.

NOTAS

1. ANDRADE, Mário de. O Movimento Modernista. In: Aspectos da Literatura Brasileira. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1974. p. 231. Todas as citações subsequentes referem-se a esta edição.
2. BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São

- Paulo, T. A. Queiroz, 1979. p. 10.
3. Idem, p. 17.
 4. CHAUI, Marilena. Os Trabalhos da Memória. In: __. BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1979. p. XXX.
 5. BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Editora Cultrix, 1975. p. 399.
 6. ANDRADE, Mário. *A Lição do Amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, anotadas pelo destinatário*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1982. p. 202.
 7. ANDRADE, Mário. *Cartas a Murilo Miranda (1934-1945)*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1981. p. 105.
 8. Cf. MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. São Paulo, Ática, 1977.
 9. ANDRADE, Mário. *A Lição do Amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, anotadas pelo destinatário*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1982. p. 279.
 10. Idem, p. 201.
 11. Idem, p. 201.
 12. BOSI, Alfredo. *O Movimento Modernista de Mário de Andrade*. Comunicação apresentada à quarta seção de literatura do programa comemorativo do 50º aniversário da Semana de Arte Moderna de São Paulo. p. 26.
 13. Idem, p. 33.